



África diante da recessão do COVID-19

O impacto do COVID-19 sobre a economia mundial tem sido mais rápido e mais severo que o da crise financeira mundial de 2008 e ainda pior que o da Grande Depressão de 1929. Nos cenários anteriores, os mercados de acções colapsaram 50% ou mais, as taxas de desemprego dispararam e o PIB de muitas economias contraiu. Tudo isto levou aproximadamente 3 anos para acontecer. No cenário actual, os resultados financeiros e macroeconómicos aterrorizantes materializaram-se em poucas semanas.

O impacto do COVID-19 sobre a economia mundial tem sido mais rápido e mais severo que o da crise financeira mundial de 2008 e ainda pior que o da Grande Depressão de 1929. Nos cenários anteriores, os mercados de acções colapsaram 50% ou mais, as taxas de desemprego dispararam e o PIB de muitas economias contraiu. Tudo isto levou aproximadamente 3 anos para acontecer. No cenário actual, os resultados financeiros e macroeconómicos aterrorizantes materializaram-se em poucas semanas.

Os países africanos apresentaram, até à data, poucos casos registados de COVID-19 quando comparado com os países da Europa Ocidental, Ásia do Leste e os Estados Unidos. Mas com o crescimento exponencial de casos confirmados em países como África do Sul, Egipto, Burkina Faso, Argélia e outros, é apenas uma questão de tempo até que essa crise de saúde pública atinja o continente com uma força estrondosa.

O COVID-19 não traz somente uma crise de saúde pública, mas também uma crise económica. Os países que apresentam o maior número de casos confirmados já sentem este impacto na economia.

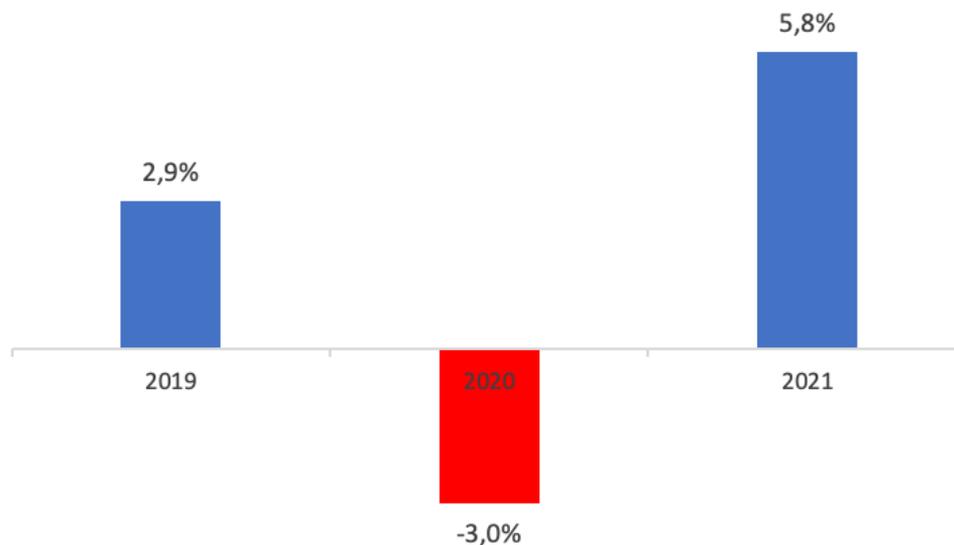
Para África, a grande questão é: como é que esta pandemia vai afectar as economias do continente e como se podem preparar os governos?

Uma recessão mundial é inevitável

Tendo a China como exemplo inicial, os governos na Europa, Asia, América do Norte e alguns governos em África estão a adoptar abordagens faseadas e cada abordagem tem consequências nas suas economias.

Primeiro, os casos individuais são identificados, colocados em quarentena e depois é realizado o rastreio do contacto para prevenir a propagação do vírus. Segundo, quando já não é possível conter o vírus, são aplicadas restrições de movimento e na actividade económica. E finalmente, quando se tem surto controlado, as restrições podem ser retiradas gradualmente.

Considerando as medidas implementadas, a maior parte dos economistas e analistas sugerem que a recessão mundial é inevitável.

Gráfico 1 - Projecção de crescimento da economia mundial (%)

Fonte: FMI

Como resultado do COVID-19, no cenário de base elaborado pelo FMI é projectada uma contracção económica mundial de 3% em 2020, sendo esta considerada pior do que a verificada na crise financeira de 2008.

O cenário pressupõe que a pandemia poderá desaparecer no segundo semestre de 2020 e que os esforços de contenção poderão ser gradualmente reduzidos. Deste modo, a economia deverá crescer 5,8% em 2021 à medida que a actividade económica for normalizada, com a implementação de determinadas políticas.

Lições da crise financeira de 2008

A crise financeira de 2008 permite ter uma percepção da possível turbulência que se aproxima de África. Semelhante ao COVID-19, a crise de 2008 não teve origem em África. Mas devido à baixa procura as economias dependentes do petróleo tiveram uma redução drástica nas exportações. Angola saiu de um crescimento de 13,2% do PIB em 2008 para uma contracção de 0,6% em 2009. Este nível de crescimento não é suficiente para compensar as altas taxas de natalidade, deteriorando-se, assim, as condições de vida das populações.

A crise financeira de 2008 teve outros efeitos económicos adversos: as transferências de dinheiro estagnaram em 2009, o número de turistas reduziu de 35 para 33 milhões e levaram-se anos para se conseguir regressar a taxas de crescimento anteriormente registadas, e os valores de apoio ao desenvolvimento também estagnaram.

Não é difícil ver a pandemia do COVID-19 seguir um caminho com piores resultados. O turismo e as viagens de negócio encontram-se completamente parados devido às restrições de viagens, o que vai levar tempo para normalizar. Com as principais economias a enfrentarem uma recessão, a procura por recursos naturais vai entrar em declínio e em alguns casos, como o petróleo, já se nota esse declínio. O cobre e o petróleo já atingiram os preços mais baixos desde 1991. Para além disto, devido às restrições económicas na China torna-se extremamente difícil para os comerciantes em África obter diversos produtos importados que compõem, em grande medida, o comércio doméstico.

O que é que governos africanos devem fazer?

Os governos já têm mostrado o poder das intervenções do Estado e todos têm descoberto, à sua maneira e dentro das suas possibilidades, recursos ao seu dispor numa escala que não é vista desde a Segunda Guerra Mundial.

Neste momento a prioridade é mitigar as dificuldades económicas do COVID-19, mas os governos devem começar a pensar sobre como podem usar esta crise para conseguirem uma visão do futuro mais próspera e sustentável.

Primeiro, a curto prazo, os governos precisam de mais espaço fiscal para aumentar os gastos com saúde, conter a propagação do COVID-19, ajudar os sectores mais atingidos e estimular o consumo doméstico, enquanto os bancos centrais devem cortar as taxas de juros e garantir liquidez para as empresas. Porém, todas medidas de gastos devem ser implementadas de forma transparente, monitoradas por conselhos fiscais independentes e complementadas por reformas confiáveis que fortaleçam os gastos de médio prazo.

Segundo, devem ser adoptadas medidas em todo o continente para melhorar a coordenação das políticas fiscais locais, aumentar a arrecadação fiscal e impulsionar o crescimento económico, para que todos os países possam fortalecer os seus sistemas de saúde. Em particular, a implementação da Área de Livre Comercio Africana proporcionaria um espaço fiscal adicional.

Segundo o estudo do Banco Africano de Desenvolvimento, a eliminação das actuais taxas bilaterais de bens e serviços e a redução do tempo necessário para os mesmos atravessarem as fronteiras, geraria 134 mil milhões de dólares por ano.

Terceiro, deve também ser considerado um novo plano de alívio de dívida para os países africanos com boa governança. Ao causar um colapso nas exportações e nos termos de comércio, a pandemia do COVID-19 está a levar os países africanos a um crescimento per capita negativo. Dadas as necessidades de financiamento e o crescimento demográfico do continente, os níveis de dívida rapidamente se tornarão insustentáveis se não houver perdão da dívida e melhores políticas de

gestão da dívida.

A pandemia do COVID-19 tem um forte impacto financeiro, económico, social e humano, mas também cria uma oportunidade para reexaminar as políticas fiscais e económicas do continente, para criar sistemas sociais e de saúde mais fortes e para apoiar o investimento produtivo

Este documento foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda.

Autor da publicação:

Hugo Valter, Consultor

Email: hugo.valter@kbc.co.ao

Publicação completa a 23 de Abril de 2020, 12:00 (GMT+1)

Publicação divulgada a 23 de Abril de 2020, 17:00 (GMT+1)

Esta Publicação é divulgada somente pelo site da Kitambo Business Consulting.

Para mais informações visite www.kbc.co.ao



KITAMBO BUSINESS CONSULTING

Esta publicação de pesquisa foi preparada pela Kitambo Business Consulting, Lda. Este é fornecido apenas para fins informativos e não deve ser considerado como uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra ou venda de instrumentos (ou seja, instrumentos financeiros aqui mencionados ou outros interesses no que diz respeito a tais instrumentos financeiros).

A publicação de pesquisa foi preparada de forma independente e exclusivamente com base em informações disponíveis publicamente que a Kitambo Business Consulting considera confiáveis. Apesar de ter sido tomado um cuidado razoável para assegurar que o seu conteúdo não é falso ou enganoso, não é feita nenhuma representação quanto à sua exactidão ou integridade sendo que a Kitambo Business Consulting não assume qualquer responsabilidade por qualquer perda directa ou consequential, incluindo, sem limitação, qualquer perda de lucros, decorrente da confiança neste relatório de pesquisa.

As opiniões aqui expressas são as opiniões dos analistas responsáveis pela elaboração da publicação de pesquisa e reflectem o seu julgamento de acordo com a data deste documento. Estas opiniões estão sujeitas a alterações e a Kitambo Business Consulting não se compromete a notificar qualquer destinatário desta publicação de tais alterações nem de quaisquer outras alterações relacionadas com as informações fornecidas aqui. A KBC não se responsabiliza por qualquer perda de qualquer pessoa com base nesta publicação.

A KBC é uma empresa de consultoria de gestão, fundada em Angola e conhecedora do mercado africano. Para mais informações visite www.kbc.co.ao